

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB

CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

A Literatura no ensino de História

Por

Josiane Maria Macedo Silva

Monografia apresentada,  
como trabalho final do curso  
de Especialização em Estudos  
Literários, sob a orientação da  
professora Zilda Freitas.

JACOBINA

2002

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB  
CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

(128)

A Literatura no ensino de História

Por

Josiane Maria Macedo Silva

CONSULTA



JACOBINA

2002

UNEB - DEP. IV - JAC

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus filhos e meus amigos, com os quais sempre contei nos momentos de dificuldade, pois eles nunca me abandonaram.

“A representação da essência, foi Hegel que nô-lo ensinou, implica que se domine a totalidade da realidade histórica em questão. A arte só estará a altura desta tarefa . . . se souber substituir a totalidade extensiva do real pela totalidade intensiva da coerência estética da obra literária.”

(Erich Koehler)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por tudo.

Agradeço aos meus filhos por entenderem a minha ausência.

Agradeço a Juce que é a minha irmã aqui em Jacobina pelo apoio em todos os momentos difíceis.

Agradeço a D. Raulinda pelos puxões de orelha para que eu não desistisse deste projeto.

E agradeço ainda aos professores deste curso de especialização.

## ÍNDICE

Introdução.....	01
Capítulo I: Francisco Marins, o autor.....	05
Capítulo II: A Literatura no ensino de História.....	09
Capítulo III: A Aldeia Sagrada.....	14
Conclusão.....	28
Bibliografia.....	30
Anexos	

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, diferentes fontes de pesquisa histórica vêm sendo utilizadas no ensino de História. À medida que se tem explorado essas mesmas fontes como recursos didáticos, esse exercício diminui a distância entre teoria e prática, bastante comum nesta área.

Algumas questões merecem ser colocadas para reflexão. Uma delas é como a Literatura pode ser utilizada enquanto documento histórico, reconhecendo que o texto literário ainda é pouco explorado pelo historiador. A outra é o uso dessa documentação como recurso didático no ensino de História.

É preciso desmistificar essa teoria que o historiador trabalha com a realidade e o escritor com a ficção. Assim como o historiador, o escritor também é um homem do seu tempo, portanto está sujeito às limitações de sua época e da sua cultura.

Não podemos negar o poder da literatura sobre o leitor, tanto do ponto de vista de entretenimento, como do fato de ser uma linguagem que deixa evidente lutas e conflitos sociais, demonstrando assim o papel da Literatura perante a História. Geralmente com um olhar mais estético sobre o social, o texto literário em muito contribui para a análise histórica.

*“A história literária é um artifício criado ao longo de muitas gerações; apresenta-se ora reduzida, ora ampliada; puida em alguns pontos, remendada em outros e por toda a parte permeada de anacronismos. Pouco tem a ver com a verdadeira experiência da literatura do passado.”*  
(DARNTON, 1998 p. 9)

Desde a metade do século XIX, a história passou pela prova da "objetividade", postura comum para o pensamento positivista da época. Tal rigor presente na pesquisa histórica distanciava, cada vez mais, a História da Literatura. Naquele contexto, tanto a História quanto a Literatura, buscavam reproduzir os acontecimentos com fidelidade, daí a necessidade de se falar em "Realismo Literário" para acompanhar o positivismo histórico.

Na passagem do século XIX vamos assistir a um movimento que se colocava contra a vertente positivista, historiadores representantes da Escola dos Annales vão aderir à "nova história" procurando fazer uma ligação desta não só com as ciências humanas, mas também com as artes.

Na compreensão de George Duby, a tendência à narrativa vem aproximando os escritores dos historiadores.

*"... Fomos descobrindo que a objetividade do conhecimento histórico é mito, que toda história é escrita por um homem e que quando esse homem é um bom historiador põe na sua escrita muito de si próprio; (...) O que ele anuncia, quando escreve história é o seu próprio sonho; (...)"*<sup>1</sup>

Nessa busca da Nova História por novos tempos, a História Social vai permitir a diversificação de linguagens. Assim a linguagem literária pode ser situada como uma das mais ricas, pois possibilita esclarecer aspectos da cultura e da sociedade.

Pela sua força em instituir imaginários e agir na sociedade, a Literatura tem o poder de reconstruir a vida cotidiana, podendo servir para captar valores, sentimentos, o real de uma sociedade por meio de suas representações, auxiliando na análise histórica, podendo ser explorada como material didático.

Nas últimas décadas a Literatura vem passando por um processo de reestruturação de seus recursos estilísticos para poder existir. Essa reestruturação ocorre com a busca de uma identidade própria, baseando-se

---

<sup>1</sup> DUBY, 1986. P 7. 11. 12

nas peculiaridades relacionadas à cultura de cada nação, do comportamento de seu povo, mitos e lendas, em uma temática muitas vezes universal. Essa mudança está inserida no contexto literário mas com características próprias que tem relações intertextuais com a História.

É dentro desse contexto que as Teorias Literárias contemporâneas vêm favorecendo abordagens que têm procurado recuperar diferentes sensações e relações, promovendo a descentralização dos sujeitos sociais e permitindo a descoberta de experiências e aspirações de homens e mulheres, cuja identidade foi tão freqüentemente ignorada ou mencionadas apenas de passagem.

A História Literária sob a perspectiva dessas teorias contemporâneas abandona seus pilares tradicionais e se torna a articulação de sistemas superpostos e dinâmicos, ela é marcada pelo signo da pluralidade, pois faz uma reconfiguração de "identidades", colocando-as como um conceito múltiplo e em constante mutação. Repensa também a idéia de "nação" quando a coloca sob outras visões de etnia, religião, língua e cultura popular que muitas vezes não se encaixam dentro de um padrão literário pré-concebido. É dessa forma que hoje a História Literária inclui diferenças, descontinuidades e misturas utilizadas para desconstruir o "Discurso Competente". Pois este procura estabelecer uma falsa idéia de equilíbrio e harmonia através de uma voz única que deve falar por todos, apagando, desta forma, as vozes divergentes; e ao tentar apaga-las simplesmente abafam-nas para conseguir o efeito de unidade deixando este ideal de integridade repleto de contradições

Na desconstrução do "Discurso Competente", a língua não mais aparece como símbolo de unidade da nação, uma vez que nesses países há uma presença de população de imigrantes, cada vez mais numerosa, constituindo assim uma cultura heterogênea, pois ao utilizarem a língua para se expressar, a "subvertem" com interferência de sua própria cultura.

Nessa desconstrução, que tem sido feita, tanto pela Literatura como pelas novas propostas de estudos das Ciências Humanas, podemos, como já

foi dito, trabalhar em conjunto, por exemplo utilizando a Literatura no ensino de História. Como referência a essa interação podemos estudar Canudos através da obra literária de Francisco Marins, onde podemos usá-la como fonte documental para o estudo do sertanejo na sociedade baiana, bem como a possibilidade de observar o imaginário produzido pelo autor para representar uma outra visão do povo de Canudos.

Mesmo com o limite da representação de Francisco Marins, fruto da observação da época em que ele escreveu, sua produção nos dá uma visão da sociedade e de suas relações sociais, oferecendo-nos possibilidades de críticas sociais mostrando como a literatura pode ser utilizada como recurso didático no ensino de história. É este o ponto de partida para este trabalho em que se discute as relações existentes entre a história e a literatura.

## CAPÍTULO I

### FRANCISCO MARINS, O AUTOR

O que teria levado Francisco Marins a escrever um romance histórico?

Teria ele sido levado a escolher um acontecimento histórico, a guerra de canudos, como matéria estética por um impulso de reconstituição e de fidelidade à História?

Não, pois para ele a arte consiste numa *deformação* coerente do real. Essa vontade fazer História que se percebe em “A Aldeia Sagrada”, teria como objetivo a vulgarização histórica, uma forma divertida de ensinar e aprender história àqueles que os livros didáticos não atraem mais, pois para o autor não é a inteligência que a arte dirige, nem o conhecimento, para ele o homem deve submeter-se à realidade da vida.

É admirável a maneira como Francisco Marins soube transformar em matéria ficcional o episódio histórico. E é interessante observar que o romance é realista pois pinta realisticamente as cenas e os temperamentos.

Existem autores que, acima de tudo, escrevem com o sabor de liberdade. Suas histórias, sua linguagem e seus personagens aparecem sobre a página de uma maneira inusitada, livre e aberta.

Francisco Marins é um desses escritores. No livro “A Aldeia Sagrada”, a guerra de Canudos é o ponto de partida para imaginar a cena de um homem “crucificado” com os cabelos longos e as feições da imagem de Cristo. Entregue a essa liberdade de escrever e criar, Francisco Marins propõe também ao leitor a liberdade de *ler* e *viver* em pleno sertão baiano uma história de lutas, desencontros, fanatismo e realismo pelo qual ainda

hoje vive o sertanejo baiano.

Francisco Marins nasceu em Pratânia (SP), a 23 de novembro de 1922. Descende de tropeiros e plantadores de café. Formou-se em 1946, pela Faculdade de Direito de São Paulo e, durante o curso jurídico foi diretor da Revista Arcádia e Presidente da Academia de Letras da mesma. Foram seus contemporâneos na Faculdade os futuros confrades da Academia: Israel Dias Novaes, Lygia Fagundes Telles, Leonardo Arroyo, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Rubens Teixeira Scavone, Célio Debes, Paulo Bomfim, José Altino Machado.

Ele foi editor da Melhoramentos, responsável por numerosas coleções e obras fundamentais da cultura brasileira: "*Memória Histórica Brasileira*", "*Ficção Nacional*", "*Clássicos Imortais*" e, ainda, "*Verdes Anos*", "*Obras Célebres*", "*Colorama*", estes últimos no campo da literatura infanto-juvenil e, ainda, pelo Novo Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa".

Foi também um dos fundadores da Câmara Brasileira do Livro, bateu-se pela aprovação de vários projetos ligados ao desenvolvimento da indústria editorial; divulgação do livro através das Bienais do Livro, hoje de projeção internacional; criação de bibliotecas, etc. Participou do Conselho Estadual de Cultura de São Paulo e da Fundação Pe. Anchieta, TV Cultura.

Em 1984 fundou em Botucatu o "Convivium" - Espaço Cultural - que acolhe a Academia Botucatuense de Letras e o Grupo Convivência. Dispõe de rica biblioteca destinada a estudiosos e amplo documentário histórico sobre a região. O Clubinho Taquara-Póca, no Vale do Sol destina-se incentivo ao da vida rural.

#### **Bibliografia:**

Livros infanto-juvenis: séries "Taquara-Póca" e "Roteiro dos Martírios";  
Romances: "Saga do Café e O Homem e a Terra". Numerosos títulos foram

traduzidos em 12 línguas. A tiragem global desses volumes ultrapassa três milhões de exemplares. Na Europa o livro "The Mystery of the Gold Mines", tornou-se "best-seller" na Hungria e o nome do Autor incluído na "Coleção Delfin", a qual reúne os chamados clássicos da literatura juvenil de todo mundo.

*Obras editadas:*

**pela Melhoramentos:** *"Nas Terras do Rei Café", "Os Segredos de Taquara-Póca", "O Coleira Preta", "Gafanhotos em Taquara-Póca", "Viagem ao Mundo Desconhecido", "Território de Bravos", "A Aldeia Sagrada", "Expedição aos Martírios", "Volta à Serra Misteriosa", "O Bugre-do-Chapéu-de-Anta", "O Favo de Mel" (contos).*

**Pela Ática:** *"O Mistério dos Morros Dourados", "A Montanha das Duas Cabeças"; "Em Busca do Diamante"; "A Guerra de Canudos"; "Clarão na Serra"; "Grotão do Café Amarelo"; "... A porteira bateu!"; "Atalho sem Fim"; Teatro ("Taquara-Póca" - adaptação);*

**Pela Saraiva:** *"O Sótão da Múmia".*

**Participação em Congressos e Colóquios:**

Em Londres: Apresentação de Texto Programa para a cadeira de literatura brasileira "Cambridge University"; Feira Internacional do Livro de Frankfurt (4 vezes); Feiras do Livro Infantil Buenos Aires e Bologna; Feira Internacional - Gráfico-editorial (Milão). Sobre o livro Didático Book - League e Book Center (Londres); Representante brasileiro no Congresso de Escritores Latino Springer Alemanha;

**Prêmios Literários:**

Representante do Brasil ao Prêmio "Hans Christian Andersen"; "Carlos Laet (Academia Brasileira de Letras); Prêmio "Prefeitura Municipal de São Pau-

lo"; "Fábio Prado" (União Brasileira de Escritores); "Jabuti" (Câmara Brasileira do Livro); "Medalha do Mérito Pen Club de São Paulo"; "Lourenço Filho", de literatura infanto-juvenil; Calipso - Nestlé de Literatura.

**Palestras:**

Palestras sobre Livros infanto-juvenis em três dezenas de cidades brasileiras; Em São José do Rio Pardo: "Os Caminhos que partem de Euclides e de "Os Sertões"; Universidade de Coimbra; Universidade Nova, Lisboa - Portugal; Casa do Brasil, Madrid;

Francisco Marins tem participado de seminários, entrevistas na imprensa, programas de TV, sempre no sentido de incentivo à leitura e a projetos culturais.

## CAPÍTULO II

### A LITERATURA NO ENSINO DE HISTÓRIA

O traço marcante que se faz presente tanto na literatura como na história é uma radiografia que desnuda o processo de formação das nossas instituições e classes sociais.

A sociedade agrária, o avanço da urbanização, os conflitos sociais, o domínio das elites e a submissão das classes subalternas, entre outros temas, formam o grande painel que se desdobra ao longo das páginas da literatura e da história. Uma visão completa, crítica, instigante, lírica, poética da vida brasileira de ontem e de hoje.

Das três funções históricas da arte literária: edificação moral, divertimento e problematização da vida, a literatura da era contemporânea – a literatura da civilização industrial – cultiva preferencialmente a última. A hipertrofia da visão problematizadora é, desde o romantismo, uma característica fundamental das letras; de tal modo as obras literárias se foram concentrando neste objetivo, nessa atitude crítica ante a existência, que a edificação e o divertimento se viram quase excluídos da literatura.

Toda forma poética é uma forma-conteúdo; a organização formal de cada texto ou tipo de texto é uma classe de signos intrinsecamente alusivos, carregados de referências à realidade social e cultural de determinada época e através desta, aos aspectos universais da condição humana. Logo a atenção a forma constitui apenas – ainda que necessariamente – o ponto de partida da análise literária; no seu ponto de chegada a interpretação crítica deve inserir os estilos e textos individuais no complexo da história da cultura. Proceder de outro modo importaria em renunciar a compreender a significa-

ção mais plena e genuína dos valores literários.

Tudo está em saber ler a história no texto, em vez de dissolver o texto na história. Há histórias da literatura nas quais os textos não passam de pretextos para falar da realidade social ou “espiritual” de cada época. Mas é preciso não esquecer que o texto literário só “fala” se colocado em contexto – no contexto de seus irmãos de gênero e estilo, e no contexto concreto de sua época. Se as verdadeiras obras literárias são, de fato, simples documentos, nem por isso deixam de ser monumentos – construções eminentemente referenciais, cujo sentido é inseparável da capacidade de representar, aludir, simbolizar. Arte é símbolo; literatura é arte; portanto toda descrição do texto, toda “análise eminente”, já é por força decifração do simbólico, visão do texto como signo de algo que o transcende. O poder de referência ao mundo pertence à própria natureza da linguagem literária, em qualquer de suas encarnações estilísticas.

A evolução das formas literárias não é um processo auto suficiente, autárquico – mas é um processo autônomo, regido por leis próprias e irreduzível à condição de simples reflexo mecânico do ritmo evolutivo da sociedade, dos costumes, do pensamento filosófico, etc.

A necessidade de encontrar meios mais objetivos de análise dos textos literários levou os estudiosos da literatura a recorrer a diferentes ramos do conhecimento científico a fim de municiar-se com as suas descobertas e métodos. A obra literária é escrita para ser diretamente apreendida pelo leitor, pois a sua “complexidade” surge naturalmente porque, antes de pertencer ao texto, pertence à própria experiência que ele reflete e reformula.

Neste trabalho não pretendo ignorar esta complexidade da obra literária nem de reduzir a qualidade da análise, mas de, preservando esta e tendo em vista aquela, abrir picadas necessárias ao conhecimento da obra analisada. Este método não exclui o aspecto criador e revelador da crítica literária, antes o possibilita, exatamente porque a deixa livre dos esquemas e das idéias preconcebidas.

Este trabalho consiste precisamente em partir da obra literária, de uma leitura feita por um leitor crítico, armado não apenas de sensibilidade como também de um conhecimento histórico. E esse conhecimento harmoniosamente integrado numa visão básica do fenômeno da literatura, é que permite decifrar e traduzir sua experiência ao nível de cultura e história. Nem sempre se concordará com a análise feita de determinados fenômenos psicológicos ou culturais, ou com o encadeamento estabelecido entre uns e outros, mas é impossível negar a coerência da visão crítica, capaz de revelar aspectos insuspeitados na obra estudada.

Num primeiro momento, o autor investiga até que ponto a história está presente nos textos, para em seguida lembrar que, por serem obras de arte de um dos grandes autores do século, possuem dimensões que vão além dos limites impostos aos estudos históricos.

*A história narrativa da literatura, tentando explicar os acontecimentos que ela retrata, precisa deixar menos espaço para a imaginação do leitor. Ela não apresenta, e nem pode fazê-lo, a estória (story) inteira (...). mas tudo o que apresenta pode se relacionar. Acontecimentos que não encaixam não se aplicam mutuamente. Interpretações potencialmente abertas precisam ser fechadas por um argumento. (Hyden White) <sup>2</sup>*

Uma aproximação já tradicional entre a História e a Literatura se dá enquanto processo de documentação mútua. Entenda-se, por esse processo a Literatura servindo como depositária de dados para o historiador e os documentos históricos servindo como materiais para consulta do escritor.

Uma outra perspectiva que se apresenta, passa, pelo debate que se trava sobre o papel do historiador na sociedade, ou seja, sobre quem e para quem escreve. Do outro lado do debate há quem diga que a própria história da Literatura “nos ensina que toda obra literária é aquela que nasce sonhan-

---

<sup>2</sup> ZILBERMAN, Regina. *Literatura e identidades: história da literatura e identidade nacional*. p.24

do não servir classe alguma, isto é, dedo apontado para a liberdade como necessidade, embora cientes de que em sociedades de classes a obra literária não está liberta da apropriação pelas classes dominantes”.

Essa tendência abre todo o leque de novas perspectivas. É necessário, portanto, para adentrar o mundo imaginário e do inconsciente que a Literatura nos apresente, a partir de um conceito de História que extrapole o simples conhecimento histórico tal e como verdadeiramente tenha sido.

Consideradas através dos tempos como “espelhos” da humanidade, as duas disciplinas sempre suscitaram perguntas sobre o caráter de suas ligações: onde está a verdadeira diferença entre elas? Em que consiste a especificidade de uma e de outra? Quais são as fronteiras que as separam e as forças que as unem? Onde termina a representação e começa a criação – esse duplo aspecto que faz com que a história e romance possam sempre se confundir?

Historiadores de renome chegaram a afirmar que a história é um “romance verdadeiro”; críticos literários conceituados se perguntaram se há realmente um traço específico formal que distingue a narração de acontecimentos efetivamente ocorridos, da narração imaginária. Alguns consideram a História uma “ciência”, e exortam a que não se poupem esforços para separá-la da Literatura; outros a definem como sendo o conhecimento profundo do homem em sua infinita complexidade, e, como tal, bastante próxima daquilo que fazem os escritores literários. Vê-se bem como são frágeis as fronteiras entre as duas áreas.

*“a história é uma espécie de ficção em que vivemos e esperamos sobreviver, e a ficção é uma espécie de história especulativa (...) pela qual se considera que, em suas fontes, os dados disponíveis para a composição são maiores e mais variados do que supõe o historiador. (1983,25)<sup>3</sup>*

---

<sup>3</sup> HUTCHGON, Linda. *Poética do Pós-Modernismo – Metaficção historiográfica: “O passatempo do tempo passado”*. Rio de Janeiro, Huinjo. 1991. p. 149

Em consequência, o romance histórico foi sempre um gênero bastante controvertido, mas também, bastante fértil. Na concepção clássica ele era considerado a “contrapartida” necessária da história que nos revela os segredos que não está amostra, e, graças aos quais, podemos compreender sua dinâmica profunda. Na primeira metade do século XIX os laços entre as duas áreas se estreitam: de um lado, a sensibilidade romântica povoa a história de curiosidades e de horizontes novos; do outro, o romantismo se configurando como escola constituída, opera-se uma verdadeira invenção da História na Literatura.

*“A Literatura não é um discurso que possa ou deva ser falso (...) é um discurso que, precisamente não pode ser submetido ao teste da verdade; ela não é verdadeira nem falsa, e não faz sentido levantar essa questão: é isso que define seu próprio status de ‘ficção’.” (Todorov 1981 a, 18)<sup>4</sup>*

*“A história é uma espécie de ficção em que vivemos e esperamos sobreviver, e a ficção é uma espécie de história especulativa (...) pelo qual se considera que, em suas fontes, os dados disponíveis para a composição são maiores e mais variados do que supõe o historiador.” (1983, 25)<sup>5</sup>*

Com esta interação recíproca os dois domínios se confundem e a especificidade de cada um se vê cada vez mais ameaçada.

---

<sup>4</sup> HUTCHGON, Linda. *Poética do Pós-Modernismo – Metaficção historiográfica: “O passatempo do tempo passado”*. Rio de Janeiro, Huinjo. 1991. p. 146

<sup>5</sup> IDEM, p. 149

## CAPÍTULO III

A ALDEIA SAGRADA - "*A Guerra de Canudos sob o olhar dos vencidos*"

A Guerra de Canudos é um dos episódios mais trágicos da História do Brasil. É o pano de fundo desta história emocionante de Francisco Marins. Para quem não conhece ou não se lembra dos fatos, um nome é fundamental ao entendimento da questão: o de Antônio Conselheiro. Ele foi uma espécie de místico popular que percorria o sertão entre o Ceará e a Bahia durante as décadas de 70 e 90 do século XIX.

Ao longo do caminho, ganhou a simpatia da população carente da região que o considerava um profeta. Foi arrebanhando seguidores às centenas. Profundamente religiosos, o Conselheiro não viu com bons olhos a proclamação da República, porque este sistema de governo promovia a separação entre o poder da igreja e do estado. A partir daí o profeta não reconhecia e até desrespeitava as autoridades constituídas.

No ano de 1890, Antônio Conselheiro e seus adeptos fundaram um arraial chamado Canudos, nas terras de uma fazenda abandonada, às margens do rio Vaza-Barris, no norte da Bahia. A comunidade prosperou e chegou a ter aproximadamente vinte e cinco mil habitantes.

Tolerada em princípio, a aldeia de Antônio Conselheiro começou a incomodar as elites da seca e a exploração do trabalho que vigorava nos grandes latifúndios do nordeste. A pretensa simpatia do líder do arraial à Monarquia foi um pretexto para que o governo nacional decidisse dispersar os habitantes de Canudos.

Não se contemplava como uma resistência decidida dos sertanejos, que estavam dispostos a tudo para defender a comunidade que construíram.

Em 1896, houve o primeiro choque entre os sertanejos, também chamados de "jagunços", contra cerca de cem soldados da República. Foram os "jagunços" que venceram a batalha. Nova expedição foi organizada pelo governo, dessa vez com seiscentos homens para atacar Canudos. Porém nova derrota foi sofrida.

Já em 1897, mais uma expedição partiu contra a aldeia: um mil e trezentos soldados mais ou menos, sob o comando de um herói do exército. Mas não teve melhor sorte que as anteriores. Então numa operação de guerra jamais vista no país mobilizaram-se seis mil homens, com os mais avançados equipamentos bélicos da época, sob a liderança dos mais altos comandantes militares, travaram-se incontáveis e épicos combates. Canudos chegou a resistir de junho a outubro quando foi total mente arrasada.

Essa é a guerra que **Didico**, personagem principal do livro "A Aldeia Sagrada" presencia. Francisco Marins conta a história pela ótica de um menino de doze anos que, sendo habitante da região, está do lado dos vencidos e apresenta os fatos de modo muito distante da historiografia oficial. Nem podia ser diferente. Nascido numa pequena propriedade rural, no interior paulista, Francisco Marins simpatiza com o homem do campo, o sertanejo.

A literatura de ficção é um dos itens da realidade cujo desempenho se deve destacar. O papel central dos três elementos, seca, exploração e migração, em romance é notável em autores contemporâneos em que a narrativa regional, de forte conotação social, assume o nordeste como temática de denúncia e se apresenta sobre um estilo realista engajado. Dentre as obras com esta tendência algumas nos interessam particularmente em vista do seu destaque editorial e como possíveis formadores de opinião uma delas é "A aldeia sagrada" de Francisco Marins.

Romance tecido a partir de compreensões e lembranças da realidade natural e sócio-cultural do nosso sertão, procura em primeiro lugar ser uma descrição fiel e objetiva de uma região em conflito no sertão baiano, onde já se travou a maior operação já vista no Brasil: a Guerra de Canudos. É sobre

esse fundo que Francisco Marins apresenta o romance e analisa os valores e comportamentos de um grupo social definidos: o do sertanejo, pequeno proprietário.

O romance representa a caatinga como paisagem predominante. Nele a visão de uma síntese homem-meio é apresentada como experiência cristalizada no convívio com a aspereza da seca, uma ameaça a cada ano.

*Lembro-me muito bem da primeira vez em que ouvi falar de Antônio Conselheiro.*

*Era uma noite abafada em que não conseguia consiliar o sono. Virava-me de um lado e de outro na cama, procurando afugentar as preocupações do dia, mas inutilmente. O sono não vinha mesmo. Por fim levantei-me, abri a janela do casinholo e respirei, devagar, o ar quente que vinha da caatinga. Fora, a vegetação ressequida se estendia ao luar. Tudo em silêncio. Um ou outro grilo trilando.<sup>6</sup>*

Aqui, Francisco Marins projeta semelhanças entre a sensação do homem e a natureza. O flagelo da seca, cuja regularidade criaria alternâncias no relacionamento de **Didico**, personagem principal com os outros habitantes da *Aldeia Sagrada*.

Com um estilo descritivo, um tom propagandístico e preocupado em discorrer acerca dos malefícios e da esperança de dias melhores, a história de Francisco Marins surpreende com trajetória reguladora. Nela diferentes dimensões do cotidiano rural poderiam ser compreendidas a partir de referências ao clima e à vegetação no interior do nordeste. O êxodo do campo para a cidade é examinado na qualidade de única alternativa diante da seca, da exploração e da repressão.

— *Sim, digo porque é verdade. Ainda agora, deixo tudo nas suas mãos e de Donana. Você só tem doze anos. Mais vale mais que muito homem*

---

<sup>6</sup> MARINS, Francisco. *A Aldeia Sagrada*. São Paulo: Ática, 3<sup>ed</sup>, 1993 p. 9

*barbado. Eu não consigo mudar. Tenho que seguir meu destino e tentar arranjar outra coisa melhor longe daqui. Se for feliz, todos nós vamos ter um bom futuro. Esta vida cruel aqui na caatinga, lutando com o tempo, morrendo de medo da seca, sendo vencido por ela, não dá mais. Eu não aguento!*<sup>7</sup>

Trata-se, pois, de escapar à miséria provocada pelo clima inóspito e pelos proprietários das grandes fazendas. A situação dos retirantes remete sempre à comoventes diálogos e emocionantes despedidas como as vividas pelos personagens do texto no capítulo Confidências que retrata, desde o momento em que o padrinho, Nhô Chico, chama Didico para dizer-lhe que, por conta da seca, vai sair em busca de melhoria de vida, até o momento da partida daquele.

*No dia seguinte, pela madrugada, Nhô Chico partiu.*

*Abri a janela e vi-o desaparecer em meio aos espinheiros e às sucupiras.*

*Ergui o braço no aceno de adeus que ele não podia mais ver. E fiquei ali imóvel, muito triste.*

*Da terra subia um mormaço desanimador.*

*— Adeus. Seja feliz! — Murmurei.*<sup>8</sup>

Em “A Aldeia Sagrada” algumas das passagens mais dramáticas são descritas sob a ótica de uma “análise psicológica” dos personagens, sobretudo na natureza do homem nordestino, que sob a pressão das forças da natureza ainda há uma aceitação fatalista do destino.

São três partes em que os poucos personagens se movem. Esses personagens podem ser agrupados de acordo com a posição que lhes caberá no desenrolar da obra. Temos de uma lado Didico, personagem principal e a sua família, que na verdade são seus padrinhos Nhô Chico e Donana, além

<sup>7</sup> MARINS, Francisco. *A Aldeia Sagrada*. São Paulo: Ática, 31ed, 1993 p. 16

do seu cachorro de estimação, Tigüera. Do outro lado, temos os retirantes, grupo a que Didico se junta logo após a partida do seu padrinho e a morte de sua madrinha; esse grupo tem como líder Juviara, casado e pai de Zico e Mada; podemos ver também Miguelão, antigo vaqueiro que também se junta ao grupo.

Na primeira parte do texto o autor apresenta a seca e a intervenção de Antônio Conselheiro como um “salvador” para o sofrimento do sertanejo, aborda também a fé desse povo que, apesar do sofrimento, acredita que ainda resta uma saída, mesmo que para isso valham-se de superstições e simpatias para minimizar seus sofrimentos.

*“Ao anoitecer, colocamos ao relento seis pedrinhas de sal. Cada uma delas, como me explicou madrinha representava um dos seis meses seguintes, de janeiro a junho. Se no dia imediato, ao romper da madrugada, a primeira ou a Segunda ou qualquer delas estivesse desfeita, então era certo que, no mês que ela estava representando, teríamos a chuva salvadora para as nossas roças e para alimetnar o olho d’água. Era desse modo que todos os sertanejos procediam para verificar se teriam alegria nos meses seguintes.”<sup>9</sup>*

Ainda na primeira parte o autor apresenta de maneira poética a realidade do sertanejo brasileiro quando o mesmo vagueia pelo sertão em busca da sobrevivência, enfim o êxodo rural.

*“Os retirantes tinham passado, famintos e desesperados. Viram o Pomboca na cocheira e avançaram sobre ele. Donana e Tigüera tentaram defendê-lo inutilmente. Mataram o Pomboca e levaram embora a sua carne. Os urubus davam cabo do que sobrara.”<sup>10</sup>*

---

<sup>8</sup> MARINS, Francisco. *A Aldeia Sagrada*. São Paulo: Ática, 31ed, 1993 p. 18

<sup>9</sup> IDEM, p. 19

<sup>10</sup> IBDEM, p. 21

Apesar de abordar em sua obra a seca um tema que muitos autores apresentam com descrições macabras e a exploração de grandes cenas trágicas o autor não se deixa seduzir pela dramatização aliciadora e comovente do assunto; aproveita-o sobriamente na narrativa mostrando até sob vários ângulos, tudo sintetizado em poucas páginas, em absoluta consonância de dados históricos com a história oficial. É precisamente o que podemos ver em passagens como esta na primeira parte do livro que é extremamente expressiva em sua concisão.

*“Abri e fechei os olhos várias vezes para me certificar de que não estava dormindo. Depois, saltei para baixo, e enterrei a mão na areia úmida. A fonte agonizava, lentamente.”<sup>11</sup>*

Na segunda parte, Caminhadas no Sertão, logo de início temos a expressão “companheiros de jornada”, onde Didico se junta a um grupo de retirantes que serão a partir daí seus novos companheiros que representarão a sua nova família.

*“Comecei a acompanhar o grupo de caminhantes, noite adentro. Iam vergados, tristes, imundos pela poeira, os pés machucados pelos espinhos.”<sup>12</sup>*

Na última parte, Guerra dos Jagunços, o autor mostra como os “jagunços” enfrentaram o poder do estado, as peregrinações do Conselheiro; o difícil transporte do Bendengó, um meteorito de aproximadamente sete toneladas que caiu na região por volta de 1685; a rendição dos “jagunços” e por fim a volta de Didico à terra natal, Corimbé, antiga fazendola herdada dos seus padrinhos e onde se deu o início de toda esta história.

---

<sup>11</sup> MARINS, Francisco. *A Aldeia Sagrada*. São Paulo: Ática, 31ed, 1993 p. 23

op. cit.

O núcleo da história é muito simples: as andanças de Didico, menino de doze anos que percorre o sertão baiano com retirantes nordestinos e presencia o massacre em Canudos no ano de 1897. Essa situação vai produzir o conflito que permitirá a apresentação e análise do sertanejo, do homem rústico dentro de uma visão diferenciada da história oficial, pois a história é contada neste texto pelo lado dos vencidos.

Francisco Marins apresenta Antônio Conselheiro sob o olhar do sertanejo, na visão de um garoto de doze anos que o conheceu em sua própria casa e que anos depois o reencontra já seguido por milhares de fiéis, inclusive seu padrinho Nhô Chico que julgara ter ido embora para o Acre para fugir da seca.

Segundo o autor a aspiração de Antônio Conselheiro à aventura, o seu desejo de renovar a esperança num mundo povoado de injustiças, a sua ação purificadora de andarilho, seu dom de fazer profecias e a provação a que se sujeitou para cumprir um drama do tipo messiânico é em si um dos mais altos anseios a que tendeu o espírito humano. Mas segundo Francisco Marins Antônio Conselheiro não se limitou a aspirar a condição de um novo messias, ele pensou efetivamente que fosse. E se alguém se aspira a uma missão superior entre os homens é sublime acreditar.

No romance "A Aldeia Sagrada" primeiro registra-se uma série de informações de ordem cultural, o leitor consegue não apenas a confirmação do que já informa os personagens, mas também dados novos sobre a atmosfera social, moral e geográfica de Canudos, principalmente sobre dados históricos que ocorreram na região como a presença de um meteorito, o Bendengó, que hoje se encontra exposto á visitação pública no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

"A Aldeia Sagrada" pode ser considerado um romance de ação, já que é sobretudo a ação que caracteriza o período revolucionário, momentos da cronologia quente da História, período de tensão, em que os acontecimentos são numerosos e decisivos. Além disso implica no questio-

---

<sup>12</sup> MARINS, Francisco. *A Aldeia Sagrada*. São Paulo: Ática, 31ed, 1993, p. 28

op. cit.

namento de um sistema de valores sócio-políticos, na medida em que no exemplo analisado, a linha diretriz da ação se orienta desde o início no sentido de mudar o estado das coisas (Antônio Conselheiro mostrava-se contra a República), procurava romper com a ordem estabelecida, apoiava os povos oprimidos pela seca valorizando a luta dos jagunços contra o poder do Estado, incentivando a participação de uma ação política revolucionária. Os personagens que se mostram contra a formação da *Aldeia Sagrada* são francamente hostilizados, ao passo que os adeptos do Conselheiro são geralmente personagens exemplares, de sentimentos nobres, cativantes.

É dessa forma que a simples escolha do acontecimento histórico revolucionário, como tema desse romance já estabelece uma visão particular da história de Canudos, Francisco Marins utiliza assim a realidade histórica a serviço de suas próprias idéias: ele invade o universo da história, apropria-se dele para construir o seu. Temos como exemplo na obra a origem do termo Canudos.

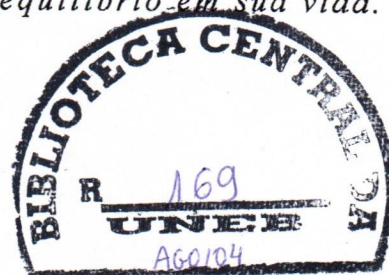
*“Fiquei sabendo, então, dos acontecimentos em Belo Monte, antiga fazenda de gado, situada à margem do rio Varza-Barris, onde o Conselheiro passara a reunir sua gente. O nome Canudos surgira porque os moradores dali fumavam em cachimbo de barro, com canudos muito compridos.”*<sup>13</sup>

E a história de vida do próprio Antônio Conselheiro que se apresenta sob o título “Peregrinações do Conselheiro”.

*“Fiquei sabendo que Antônio Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro, vivera em Quixeramobim, no Ceará, vida calma e normal até cerca de vinte anos. Com a morte de seu pai, deixou aquela cidade e foi para Sobral. Tendo se casado, não foi feliz no matrimônio. A mulher o abandonou e esse fato acabou por provocar um desequilíbrio em sua vida.*

<sup>13</sup> MARINS, Francisco. *A Aldeia Sagrada*. São Paulo: Ática, 31ed, 1993 p. 51

op. cit.



*Mais tarde, por desinteligências com parentes, perto do Crato, partiu para o sertão.*"<sup>14</sup>

Já se pode perceber em que consiste a manipulação da História na ficção: não há, como ficou provado aqui, nenhuma transgressão a nível do acontecimento em si; não estamos no campo da fantasia ou do fantástico. No entanto, a fidelidade à História coloca um problema ao escritor: se ele decidiu que o curso da história não será modificado em seu romance, o fim da história será fatalmente conhecido de antemão pelo leitor, que tem para isso referências culturais adquiridas através de outros textos que não o romance. Enfatizando que este final não é privilégio do autor, é imposto pela realidade histórica, por uma realidade reconhecível.

O que vai interessar o leitor em "A Aldeia Sagrada" é a história sendo invadida pela ficção, que vai transformar o acontecimento histórico em *aventura*. Para isso Francisco Marins privilegia o como os fatos aconteceram, ou poderiam Ter acontecido. Então, mesmo que saiba de antemão que a Guerra de Canudos terminou num grande massacre de vinte e cinco mil pessoas aproximadamente, o leitor vai se interessar em conhecer as peripécias que ela ocasionou, ou poderia Ter ocasionado, o leitor se sentirá atraído pelos episódios que constituíram a luta e seu fracasso.

Portanto se o autor privilegiou na obra estudada, acontecimentos que não figuram nos livros de História, isso significa que a ficção invadiu a história por motivos de ordem estética, em proveito da intenção literária. Assim, por exemplo, é nessa intenção que Francisco Marins inventou a tumultuada tentativa de Didico roubar raízes em uma propriedade que também estava sofrendo com o flagelo da seca.

*"Nunca imaginara que um dia pudesse invadir uma propriedade alheia e lembrava-me das palavras de padrinho repetindo um livro de rezas. Não matar! Não roubar! Aquilo deixava-me o rosto afogueado. Tive que a-*

<sup>14</sup> MARINS, Francisco. *A Aldeia Sagrada*. São Paulo: Ática, 3<sup>ed</sup>, 1993 p. 59

op. cit.

*bandonar tudo e sair correndo. Era preferível morrer de fome a tirar o que pertencia a outrem ... não roubar. Não roubar! Senti que as lágrimas caíam pelo meu rosto.*"<sup>15</sup>

Assim a história ameaça fugir da História, o personagem fictício age e arrisca a vida; o suspense é recuperado, e os efeitos literários, garantidos. O mesmo se dá com detalhes fictícios do ataque de Carimbamba, cangaceiro que andava pela região com seu bando.

— *Carimbamba vem aí!*

— *Carimbamba! Cruz-credo!*

*As expressões se transformaram. As mulheres tiveram um arrepio e puseram-se a benzer-se.*<sup>16</sup>

O leitor acompanha o destino dos personagens imaginários que agem, lutam, sofrem e morrem: os elementos fictícios transformam a história em *aventura*, respondendo às necessidades típicas literárias.

*“Os personagens [nunca] constituem uma descrição microcós mica dos tipos sociais representativos; enfrentam complicações e conflitos que abrangem importantes tendências [não] no desenvolvimento histórico [não importa qual o sentido disso, mas na trama narrativa, muitas vezes atribuível a outros intertextos]; uma ou mais figuras da história do mundo entram no mundo fictício, dando uma aura de legitimação extratextual às generalizações e aos julgamentos do texto [que são imediatamente atacados e questionados pela revelação da verdadeira identidade intertextual, e não extratextual, das fontes dessa legitimação]; a conclusão [nunca] reafirma*

<sup>15</sup> MARINS, Francisco. *A Aldeia Sagrada*. São Paulo: Ática, 31ed, 1993 p. 33

<sup>16</sup> IDEM, p. 38

op. cit.

[mas contesta] a legitimidade de uma norma que transforma o conflito social e político num debate moral. (1986 a, 160)<sup>17</sup>

A forma de tratamento dos personagens constitui uma das grandes dificuldades das tentativas de conciliar romance e revolução, pois numa guerra o único verdadeiro personagem é a massa; os indivíduos permanecem em sua maioria anônimos. Isso não se pode dizer da obra em estudo, embora valorizando a ação coletiva, Francisco Marins consegue privilegiar o elemento humano, atribuindo a seus personagens fictícios a responsabilidade de atos verídicos e de importância para o estudo da história, isto é, fazendo com que eles invadam os acontecimentos reais.

A História se adapta à ficção, se integra nela e se confunde com ela: não é mais um fim, mas um meio de colocar em evidência a importância da ação individual, acrescentando-se a isso que os personagens fictícios não são apresentados apenas como símbolos sociais, as descrições passam freqüentemente do genérico para o particular, e, quase todos são caracterizados individualmente e detalhadamente, tanto do ponto de vista físico quanto moral. Decorre daí uma acentuada individualização, que faz de tais personagens "heróis" do romance.

*"Juviara, valente e incansável, o chefe do grupo, parecia não sentir fome nem sede. Dormia menos que todos e estava sempre disposto a reensentar a caminhada."*<sup>18</sup>

A dimensão sócio-histórica dos personagens não exclui portanto sua caracterização romanesca e o jogo entre história e romance sobre o qual se organiza as narrativas. Obedecendo inclusive às regras literárias como: *estéticas*, o leitor se interessa muito mais pelo individual do que pelo cole-

<sup>17</sup> HUTCHGON, Linda. *Poética do Pós-Modernismo – Metaficção historiográfica: "O passatempo do tempo passado"*. Rio de Janeiro, Huinjo. 1991. p. 159

<sup>18</sup> MARINS, Francisco. *A Aldeia Sagrada*. São Paulo: Ática, 31ed, 1993 p. 28

op. cit.

tivo, paralelamente ao acontecimento histórico; *ideológicas*, enquanto fictícios os personagens podem ser manipulados pelo autor para encarnar suas idéias, tornando os personagens sensíveis ao leitor; pragmáticas, por se tratar de personagens com os quais o leitor pode se identificar, já não são apenas imaginários.

Apesar do aspecto documental, da preocupação com a fidelidade, das semelhanças com o discurso histórico, "A Aldeia Sagrada" se dilui na ficção, transformando-se em aventura e assumindo a forma literária. Não é apenas sob a forma de invasão que a ficção manipula a realidade histórica no romance ora estudado, há também a infração de elementos históricos deformados, deslocados, ou simplesmente negligenciados pela ficção, não que o autor tenha se proposto a isso, entretanto, levando-se em conta sua preocupação em ser fiel a História, que ficou contada nesta obra mas também pela ampla documentação que se dispõe referente ao tema abordado, "Guerra de Canudos", supõe-se que certos fatos importantes não teriam escapados se o autor assim não quisesse. É a razão pela qual a existência da infração nesta obra se torna tão significativa, merecendo assim ser evidenciada através do exemplo abaixo, onde, apesar de citar Euclides da Cunha não cita mais nada a respeito do mesmo durante toda a obra.

*"Emanuel compreendia como poucos o drama dos canudenses e não concordava com o massacre.*

*Ele queria, também, que um jovem jornalista, de nome Euclides da Cunha que acompanhara a Quarta expedição militar a Canudos e fizera muitas notas, para mais tarde escrever um livro sobre a campanha nos sertões, conhecer-se o Mundéu, sua derradeira testemunha."*<sup>19</sup>

Assim o verdadeiro objetivo das investidas contra Canudos e a presença de Euclides da Cunha para registrar o combate deixa brechas, no entanto ao mencionar o nome de Euclides da Cunha o estritamente necessá-

<sup>19</sup> MARINS, Francisco. *A Aldeia Sagrada*. São Paulo: Ática, 31ed, 1993 p. 104

op. cit.

rio, foi o suficiente para que a narrativa não perca seu estatuto histórico, a fim de evitar que tal acontecimento prenda a atenção do leitor em detrimento dos personagens fictícios.

A ação dos personagens históricos é reduzida ou negligenciada para dar lugar a ação dos personagens fictícios que substituem os personagens históricos. Trata-se de se fazer agir sobre a História indivíduos cujo destino poderia ser decidido pelo autor e que poderão, portanto, prestar-se a esse objetivo, ao analisar o confronto do homem com a história. Pelas mesmas razões, uma série de informações foram omitidas no romance "A Aldeia Sagrada".

As infrações cometidas em "A Aldeia Sagrada" não comprometem o valor documental dos textos, pois não altera em nada o curso da História, elas não interferem diretamente e de forma decisiva na reconstituição geral da situação histórica. Contudo a existência dessas infrações fornece possibilidades para se perceber os elementos híbridos, o jogo entre o verídico e o ficcional sobre o qual a obra repousa. As informações históricas oscilam sem cessar entre o real e o fictício por razões estéticas, ideológicas ou pragmáticas, percebendo-se que na verdade a história "A Aldeia Sagrada" é adaptada às intenções especificamente literárias do escritor; ela perde então seu estatuto de referencial autônomo, e se torna elemento constitutivo do universo interno do romance de ficção.

O texto retorna então àquilo que ele nunca deixou de ser enquanto discurso. Conseqüentemente, no plano da representação literária, a realidade exterior adquire o mesmo estatuto fictício da realidade imaginária, pois elas se interpenetram indissociavelmente na estrutura do romance.

A ficcionalização da História pela Literatura não anula o pacto narrativo fundado na pressuposição de um certo número de conhecimentos prévios comuns ao autor e ao leitor, que o romance sobre a história estabelece. A razão é que a linguagem intelectual das idéias não é eliminada do discurso: não se trata simplesmente de substituir a noção pela emoção, o que caracteriza "A Aldeia Sagrada" como um discurso poético, onde os es-

tímulos intelectuais desaparecem para dar lugar a resposta emocional, mas sim de aliar uma à outra.

A reconstituição histórica e ficção romanesca se interpretam, fundem-se e se completam; os personagens do romance agem e refletem sobre sua ação histórica; ao mesmo tempo em que vivem sua aventura individual, eles examinam “a guerra de Canudos”, questionam a ordem moral e social e denunciam a falência do estado diante dos problemas do sertanejo baiano. É na interação, na correlação recíproca dos dois planos, literário e histórico, que se poderá encontrar o sentido profundo desse romance híbrido, que não é apenas um romance histórico, nem tampouco um simples romance de aventura, mas sim um romance da aventura de um indivíduo na história.

## CONCLUSÃO

Ao transformar o acontecimento histórico em ficção, a criação literária sobreviverá à história. Ao representar a história de Canudos, Francisco Marins reconstruiu-a à sua maneira; submeteu-a à sua própria vontade, manipulou-a segundo seus objetivos. Ao invés de se deixar dominar por ela, ele a dominou deixou nela a sua marca.

A "Aldeia Sagrada" é a possibilidade de expressão de uma filosofia da História e da Literatura, de encontro de uma consciência privilegiada com o mundo exterior, de marca de um gesto individual no tempo e no espaço. No plano histórico a obra oferece uma leitura horizontal da História, um conhecimento reflexivo, tanto quanto possível objetivo, da situação histórica focalizada. Os elementos fictícios se deixam contaminar pela realidade comprovada e a ficção parece submeter-se à História, nesse nível as configurações literárias são encaradas como formas camufladas de conhecimento histórico, com o objetivo de dar conta de uma determinada realidade sócio-histórica.

No entanto, o próprio confronto com textos documentais mostra que embora a estrutura interna do romance se organize em torno de um eixo histórico, este é um meio e não um fim; um meio para se penetrar no plano propriamente estético, onde o elemento humano é privilegiado e a incidência trágica da História sobre o indivíduo é denunciada: o acontecimento histórico se transforma em aventura individual ou seja o acontecimento é humanizado.

A realidade histórica é problematizada, não se trata de fazer compreender, mas de questionar, é a sensibilidade e a percepção do leitor

que dirigirá a obra. Além de manipulada, a História é também transfigurada pelo imaginário, ela sofre uma verdadeira metamorfose que faz dela um meio de acesso a outra realidade, onde reina aquela “coerência estranha à lógica que só a arte possui”.

Não é mais para o intelecto que o romance se volta, como meio de ação, ele opera num nível puramente estético no plano do inconsciente, apelo ao imaginário coletivo pelo desvendamento daquilo que está latente na realidade histórica.

A inscrição da situação histórica no texto literário possibilita a análise sócio-histórica, não apenas no sentido de se obter uma constatação pura e simples da realidade em si, mas sobretudo para se reconhecer a dimensão social da expressão individual. Os elementos imaginários do romance estudado se prestam perfeitamente a este tipo de análise, o que mostra a dimensão histórica da ficção: ela se insere como perfeita verossimilhança na realidade exterior, pois contém elementos produzidos por uma situação real da qual eles dependem e da qual se projetam; se sua veracidade não pode ser comprovada ela pode porém, ser inferida a partir da análise. O verossímil se deixa contaminar pelo verídico, o imaginário se apresenta então como um prolongamento e uma projeção do real. O romance se mostra essencialmente híbrido, fusão de história e literatura.

É preciso que a História e a Literatura sejam entendidas como um problema em que as práticas sociais que as constituem, nelas incluídas as representações discursivas, sejam submetidas a um repensar constante.

## BIBLIOGRAFIA

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil: Relações e perspectivas, conclusão. vol 6*. São Paulo, Global, 1997.

HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. [trad. Tomaz da Silva & Guacira Lopes Louro] 3e. Rio Janeiro: DP&A ed, 1999.

HUTCHGON, Linda. *Poética do pós-modernismo - Metaficção historiográfica: "O passatempo do tempo passado"*. Rio de Janeiro, Huinjo. 1991.

MAAS, Wilma Patrícia. "Introdução" *O cânone mínimo; o Bildungsroman na história da litedratura*. São Paulo: UNESP, 2002. p. 9-17.

MARINS, Francisco. *A Aldeia Sagrada*. São Paulo: Ática, 1993.

REIS, Roberto. "Cânon". JOBIM, José Luís (org.) *Palavras da Crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro. Imago, 1992.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. São Paulo. Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_, *Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro. PAZ E TERRA, 1982

Erich  
Kochler

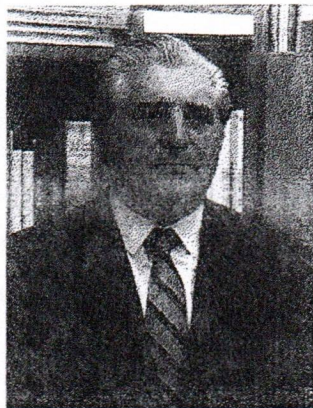
\_\_\_\_\_, *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*.  
2 ed Rio de Janeiro. ROCCO, 2000

SCHWARTZ, Roberto. *As idéias fora do lugar*, in *Ao vendedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades Ed 34, 2000

ZILBERMAN, Regina. *História da literatura e identidade nacional*. In JOBIM, José Luís (org.) *Literatura e identidades*. Rio de Janeiro. UERJ, 1999. p. 23 e 55

ANEXOS

ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS



**Francisco  
Marins**

**Cadeira 33**

Patrono: Teófilo Dias de Mesquita

Fundador: Amadeu Ataliba Amaral

Sucessor: Altino Arantes Marques